

OS ESPAÇOS SAGRADOS DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE LAGUNA¹

Letícia Damazio de Jesus², Danielle Rocha Benício³, Ivie Mesquita⁴.

¹ Vinculado ao projeto "O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matriz africana na cidade lagunense".

² Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - Bolsista Pivic - leticiadaje2@gmail.com

³ Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - danielle.benicio@udesc.br

⁴ Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Ceres - Bolsista Pivic - iviemesquita@email.com

A iniciação científica "O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matriz africana na cidade lagunense", visando o reconhecimento de tais espaços sagrados, iniciou-se em agosto de 2019 e, em decorrência da pandemia gerada pelo Covid-19, foi prorrogada até agosto de 2022. Aqui apresentam-se os resultados preliminares dos objetivos específicos: pesquisar, identificar, inventariar, caracterizar e analisar tais espaços sagrados; investigar e examinar as relações entre as vertentes religiosas e os caracteres e as especificidades dos espaços sagrados analisados; distinguir e ponderar a presença, a inserção, a contextualização e a resistência dos espaços sagrados analisados; e contribuir para a visibilidade e a preservação, o respeito e a valorização, da manifestação ritualística e espacial das citadas religiões na Laguna. Para isso, adotam-se os procedimentos metodológicos de: revisão bibliográfica e iconográfica; levantamento de dados *in loco*, incluindo primeiramente a identificação dos espaços sagrados das religiões de matriz africana no espaço urbano lagunense e, em seguida, o inventário (por meio de observações, anotações e croquis, abarcando a descrição da obra e do seu estado de conservação), acompanhado de registro fotográfico de cada um dos espaços sagrados identificados e de entrevistas; cotejamento dos resultados obtidos em cada etapa e síntese crítica em prol das conclusões. Até a etapa de trabalho em campo, efetiva-se esta ação em equipe; a partir da etapa de reflexão, realiza-se individualmente por cada voluntária.

No primeiro ano da ação empreendeu-se a revisão sobre os referenciais teórico e iconográfico (religiosidades e culturas; religiões de matriz africana no Brasil; Umbanda; simbologia religiosa, espaço sagrado, "in"visibilidade do visível) e sobre os referenciais histórico e iconográfico (Laguna, história da cidade, presença afrodescendente e população escravizada). No segundo ano, deu-se prosseguimento a essa revisão dos referenciais; bem como planejou-se o inventário, com a descrição pormenorizada de espaços urbanos, paisagísticos e arquitetônicos e seus objetos sagrados e a identificação de(s) vertente(s) cultuada(s). Nesse sentido, confeccionaram-se três fichas:

a) ficha referente aos bens imóveis, focando a arquitetura dos espaços sagrados, abrangendo tronqueira (canjira ou casinha de Exus e Pombagiras, dedicada às divindades à esquerda, locada na entrada do terreno, junto da rua), assistência (ambiente com assentos para a comunidade), abacá (salão para a gira da corrente mediúnica, médiuns e carbonos, separado da assistência pela cerca de madeira, corrente e/ou piso), atabaque (ou curimba, tocada pelos ogás), altar (de frente para a assistência, após o abacá, hierarquizado, em formato piramidal, com imagens das divindades à direita e dos guias do dirigente, quartinhos, pedras, assentamentos, firmezas, oferendas, velas e demais objetos sacros), quarto de santo, cozinha de santo, secretaria e vestiários femininos e masculinos.

b) ficha referente aos bens móveis, focando os objetos sagrados, incluindo atabaques, imagens das divindades à esquerda e à direita e dos guias (pretos velhos, caboclos, eres, ciganos, etc.), quartinhos (jarros com tampa, de barro ou porcelana, para depositar líquidos, entre os quais, por exemplo, água), pedras, assentamentos e firmezas (compreendendo o conjunto de itens ritualísticos oferecidos aos guias espirituais dos médiuns), oferendas, velas e demais bens sacros.

c) ficha referente aos bens paisagísticos, focando o cultivo de espécies vegetais necessárias à realização dos diversos rituais, como banhos e defumações.

Informa-se que, no último ano, em decorrência da pandemia, reorganizou-se o planejamento e o cronograma originais da iniciação científica. Com efeito, o levantamento de dados *in loco* foi suspenso, posto que a região da Amurel manteve-se a maior parte deste período em situação gravíssima no mapa de risco publicado pelo Governo de Santa Catarina. Destarte, em concomitância, os espaços sagrados das religiões de matriz africana em Laguna mantiveram-se sem giras abertas ao público. Ressalta-se que todos os espaços serão visitados e observados (em momentos diferentes: em datas sem atividade religiosa; em situações de feitura de rituais, sem a comparência da assistência; e durante a celebração de cultos, com a participação da assistência), a partir da vacinação completa de toda a equipe, prevista para o segundo semestre de 2021.

Então, considerando-se a situação pandêmica e a reorganização do planejamento e do cronograma iniciais da iniciação científica, iniciou-se o processo de obtenção de dados, adaptado à realidade de pandemia. Como experiência teste de aplicação das fichas, efetuou-se o levantamento de dados, como visitas e entrevistas, no *Centro de Umbanda de Xangô*, criado em 2007 por D. Dilma da Rosa Fernandes, dirigente religiosa de *Umbanda Branca* conhecida como *Dadá de Xangô*, filha primogênita de D. Paula Zeferino da Rosa, também dirigente religiosa de *Umbanda Branca*. Dá-se a conhecer que D. Paula, liderança bastante popular e afamada no século XX na Laguna, criou, trabalhou, guiou e comandou a *Tenda Espírita São Jorge*, provavelmente o segundo templo de matriz africana mais antigo da cidade.

O *Centro de Umbanda de Xangô* situa-se na periferia nordeste da poligonal tombamento de Laguna, na base do morro junto à natureza. Desde o logradouro público, não possui identificação vinculando-o à religião de matriz africana. A diminuta edificação de madeira está nos fundos do terreno, oculta pela residência da dirigente - assim não é vista desde a rua. Compõe-se por: tronqueira na entrada posta na divisa lateral do imóvel, em proximidade da rua, no acesso ao *Centro*; portaria; assistência, disposta de poucos bancos para a família e os convidados; abacá, separado da assistência por cerca de madeira, para a gira da corrente mediúnica, formada por médiuns e carbonos, todos com laços familiares com a dirigente; atabaque, tocado pelo ogã, igualmente familiar da dirigente; altar executado de frente para a assistência, após o abacá, hierarquizado, em formato piramidal, com imagens das divindades à direita e dos guias de D. Dadá e de sua mãe D. Paula (incluindo caboclos, pretos velhos, erês e Zé Pilintra), quartinhos, pedras, assentamento, firmezas, oferendas, velas e demais objetos sacros; uma cozinha de santo; e um vestiário.

Apontam-se como conclusões preliminares a existência de forte preconceito na comunidade local contra as religiões de matriz africana e, por conseguinte, a falta de preservação dos espaços sagrados que as sediam em Laguna. Aliás, esta situação reflete o apagamento das memórias negras na cidade e a invizibilização do patrimônio africanista no Centro lagunense.

Palavras-chave: Religiões de Matriz Africana. Espaço Sagrado. Laguna/SC.